

Da (im)possibilidade da Linguística Geral

Flávia Santos da SILVA

Universidade Federal de Uberlândia

flaviasantosbr@hotmail.com

Resumo: A noção de Linguística Geral (doravante LG) começou a ser discutida no final do século XIX na Alemanha pelo lingüista Hermann Paul. Desde então, muitas questões têm sido levantadas sobre sua possibilidade ou impossibilidade. Assim sendo, Auroux (1988) defende que ela seria impossível nos moldes da teorização de Meillet. Segundo Auroux, uma LG nestes moldes seria impossível porque cairia, inevitavelmente, no relativismo lingüístico, uma vez que a noção de arbitrariedade do signo de Saussure (1964) seria um empecilho para isso. De acordo com esse autor, seria possível concebê-la apenas como um programa promovendo discussões sobre princípios metodológicos da Linguística. Entretanto, defendemos a hipótese de que a LG não se restringe a princípios metodológicos e de que a noção de arbitrariedade do signo seria um contributo ela. Esses argumentos são fundamentados no que expõe Benveniste (1966) sobre a teorização da natureza do signo lingüístico saussuriano. Como se pode perceber, finalizamos este texto por defender a hipótese de que a LG é possível e que é uma disciplina autônoma. Aliás, se não fosse possível, Saussure (1964) não teria tido condições epistemológicas suficientes para postular todas as leis gerais que postulou.

Palavras-chave: Linguística Geral, Arbitrariedade do signo, Saussure.

1. Introdução

A concepção de Linguística Geral (doravante LG) foi proposta pela primeira vez pelo linguista alemão Hermann Paul em 1880. E Meillet, na sua aula de abertura no Collège de France em 13 de fevereiro de 1906, propôs a noção de LG como uma novidade que consistiria em uma disciplina que teria como objeto as leis universais da Linguística. Entretanto, a maneira como foi apresentada fez com que ela fosse julgada mais como um programa que como uma disciplina – ele apresentou mais um conteúdo programático que um conteúdo disciplinar efetivo (cf. AUROUX, 1988, p. 40).

Para ser um conteúdo disciplinar efetivo, a LG deveria ter objeto e método próprios para promover produção de conhecimento (cf., *op.cit.*, p. 44). Como disciplina geral, deveria concernir a todas as línguas.

Nesse sentido, Auroux (*ib.*, p. 44) apresenta dois tipos de noção de generalidade: a primeira teria relação com uma “geografia universal” porque discorreria exaustivamente sobre

as características de todas as línguas; a segunda teria relação com o fato de tratar de todas as línguas sem tratar de alguma em particular.

Para as duas noções de LG, Aroux (*ib.*, p. 50) afirma que essa generalidade teria, segundo o que defende Meillet e seus seguidores por LG, como empecilho a noção de arbitrariedade do signo em Saussure. Além disso, Aroux (*ib.*, p. 50) afirma que a LG proposta por Saussure se reduziria apenas a procedimentos metodológicos.

Assim sendo, neste texto temos dois objetivos. Primeiramente, analisar como a arbitrariedade do signo é apresentada no CLG, partindo da demonstração que Benveniste (1966, p. 49) faz dela, a fim de que possamos sustentar a hipótese de que a arbitrariedade não é um empecilho para concretização de uma LG, na medida em que “geral” for entendida como não específica a uma língua particular, como o faz Meillet e seus seguidores. Em segundo lugar, demonstrar que a LG de Saussure não se restringe a questões metodológicas.

Nesse sentido, primeiramente, discorreremos sobre a impossibilidade da LG concebida por Meillet, para depois, verificando detidamente trechos importantes do CLG, mostrar que a LG concebida por Saussure está para além de uma metodologia. Afinal de contas, Saussure postulou leis gerais, o que confirma que a LG é possível e muito mais que uma metodologia.

2. Da impossibilidade da LG

Aroux (1988, p. 38) afirma que há duas gerações de linguistas franceses, sendo a primeira de Michel Bréal e a segunda de Meillet. Consequentemente, todos os linguistas que vieram depois dele até o meio do séc. XX, inclusive Saussure, convergiriam na mesma noção de LG de seu mestre, que era: “*la recherche des lois générales, tant morphologiques que phonétiques, doit être désormais l’un des principaux objets de la linguistique*” (MEILLET, 1926 *apud op.cit.*, p. 39).

Apesar de ter querido ter apresentado uma novidade, a discussão sobre a LG já vinha sendo discutida desde o séc. XIX. Por isso mesmo, Aroux (*ib.*, p. 42-43) apresenta uma lista de obras tanto que precederam quanto que antecederam Meillet para discutir como a LG era entendida nessas obras. Para isso, ele faz uma pesquisa de obras em inglês, francês e alemão, entre os anos de 1870 e 1933, e as classifica em cinco tipos:

- i. présentation de la linguistique et de ses résultats, sous forme de cours introductifs ou synthétiques ;*
- ii. traité sur le langage à tendance plus ou moins vulgarisatrice ;*

- iii. *encyclopédies concernant l'ensemble des langages (cf. Pott 1884-1890, à valeur essentiellement bibliographique, Meillet/Cohen 1924) ;*
- iv. *discussion méthologique (à quoi il faudrait joindre l'immense littérature suscitée par la notion de loi phonétique, cf. Wilbur 1977)*
- v. *monographie sur des catégories utilisés par la discipline et dont les assertions sont appuyées sur des exemples provenant de langues différentes. Ces catégories peuvent être : le genre, la dissimilation consonantique, l'alternance phonétique, l'analogie, le changement linguistique, etc. (AUROUX, 1988, p. 43-44)*

Assim sendo, este autor afirma que a proposta de Meillet seria apenas um conteúdo programático porque se reduziria a apenas dissertar sobre o conjunto de línguas de maneira enciclopédica. Outros autores, ao seu turno, fizeram apenas uma síntese ou uma discussão sobre a metodologia ou categorias da Linguística.

Por esse motivo, esses cinco tipos de noção de LG definem sua generalidade no sentido de fazer uma “geografia universal” (*op.cit.*, p. 44): discorrem sobre todas as características específicas das mais diversas línguas fazendo um comparatismo entre elas. Eis a primeira definição para a generalidade da LG.

Com relação à segunda definição, Auroux (*ib.*, p. 44) refere-se ao fato de não restringir-se a nenhuma língua, indo seus princípios além das línguas indo-européias. Nesse conceito, ele apresenta três classes de proposições científicas: (a) princípios metodológicos, ou seja, a maneira como se estuda as línguas, sendo, portanto, não-falsificáveis; (b) atribuições de predicados a todas as línguas; (c) asserções sobre elementos linguísticos independentemente das línguas a que pertencem.

Nesse sentido, em relação à noção de LG em Saussure, ele diz que:

Chez ce dernier [Saussure], la linguistique générale n'est pas une discipline autonome, susceptible de relever d'un ordre de faits qui lui soient propres : ses assertions relèvent de ce que nous avons considéré comme la classe A, c'est-à-dire essentiellement des assertions d'ordre méthodologique, non-falsifiables. Si un linguistique générale est possible, au sens où nous croyons que Meillet l'entend, alors elle est incompatible avec la conception saussurienne de la langue et de l'arbitraire, et elle entre en conflit avec le relativisme linguistique [...]. (AUROUX, 1988, p. 50)

Julgamos ser importante analisar esse trecho detalhadamente, no que se refere aos três pontos seguintes: (i) sobre as proposições de classe A, ou seja, de ordem metodológica; (ii) a noção de LG em Meillet; (iii) a arbitrariedade do signo em Saussure.

Sendo assim, com relação ao ponto (i), percebemos que Auroux defende a hipótese de que a LG em Saussure poderia não se restringir a todas as línguas no sentido em que tratasse de asserções da classe A, ou seja, metodológicas, que são não-falsificáveis. Isso significa que

a elas não poderia ser atribuído o valor de veracidade nem de falsidade porque tratariam do fazer linguístico. Entretanto, aí já podemos encontrar dois problemas. Primeiro, o exemplo de asserção metodológica que Auroux dá não é propriamente não-falsificável: ele afirma que leis como “*toute langue distingue le passé, le présent et le futur*” (*op.cit.*, p. 45) seriam metodológicas porque não-falsificáveis. Entretanto, esse tipo de proposição não parece ser de ordem metodológica, já que não trata da maneira de se estudar as línguas. Pelo contrário, parece-se mais com as proposições do tipo B, que seriam atribuições de predicado a todas as línguas. Portanto, é um tipo de proposição falsificável. Segundo, ao se estudar o CLG, percebe-se que Saussure não trata meramente de asserções metodológicas, da maneira de se estudar as línguas, mas, sobretudo, de atribuições de predicados a todas as línguas do tipo “*la langue est un système de signes exprimant des idées*” (SAUSSURE, 1964, p.33).

No que concerne ao ponto (ii), já vimos que Meillet entende que a LG trata de leis morfológicas e fonéticas gerais (cf. AUROUX, 1988, p. 39). Assim mesmo, fica evidente que, sob sua perspectiva, a LG cairia inevitavelmente no relativismo linguístico, aqui entendido como o fato de uma unidade linguística não poder ser definida fora do contexto da língua a que pertence (*op. cit.*, p. 53), o que, conseqüentemente, levaria à sua destruição. Isso porque uma disciplina linguística não poderia ser geral se tratasse de leis que são específicas a uma língua e não a outra. Entretanto, Saussure não sustenta essa noção de LG, uma vez que afirma que teria como objetivo de “*chercher les forces qui sont en jeu d’une manière permanente et universelle dans toutes les langues, et de dégager les lois générales auxquelles on peut ramener tous les phénomènes particuliers de l’histoire*” (SAUSSURE, 1964, p. 20). Desta forma, vê-se que a LG em Saussure não trata das leis fonéticas e morfológicas gerais das línguas, mas ao funcionamento geral das línguas.

Conseqüentemente, no que se refere ao ponto (iii), a noção de arbitrariedade do signo em Saussure não poderia ser um empecilho para a LG, uma vez que postularia as leis gerais substanciais das línguas, não as acidentais.

Disso trataremos mais detalhadamente no próximo item.

3. Da possibilidade da LG

Para se vislumbrar a possibilidade da LG, tem-se que compreender melhor a definição de língua em Saussure para que se veja que ela não levaria ao relativismo linguístico, não sendo, então, a arbitrariedade do signo um empecilho para ela.

Analisemos o que diz Saussure (1910 *apud* GODEL, 1969, p. 77) sobre este assunto:

Division générale du cours : 1 – les langues ; 2 – la langue ; 3 – la faculté et l'exercice du langage chez les individus. Justification de cet ordre : difficulté de déterminer l'objet concret de la linguistique. Il faut d'abord séparer de la faculté du langage la langue, produit social, institution sémiologique : là est l'objet de la linguistique. Mais ce produit social se manifeste par une grande diversité de langues. Il faut donc commencer par ce qui est donné : les langues ; puis, en tirer ce qui est universel : la langue. Alors seulement, on s'occupera du langage chez les individus.

Desta feita, fica claro que *línguas* e *língua* são diferentes: *línguas* se referem aos diversos idiomas existentes, a sistemas linguísticos específicos que são a manifestação de linguagem da *língua*, sendo esta um sistema de signos, que é comum a todas as *línguas*. Consequentemente, há que se fazer uma distinção: uma coisa é o estudo dos signos no seio da vida social, outra é estudá-los na ordem própria da língua. Ou ainda, do estudo das leis dos signos no seio da vida social deduzem-se as leis que os regem na sua ordem própria. É por isso que Saussure (1964, p. 44) aconselha o linguista a conhecer muitas línguas:

L'objet concret de notre étude est donc le produit social déposé dans le cerveau de chacun, c'est-à-dire la langue. Mais ce produit diffère suivant les groupes linguistiques: ce que nous est donné, ce sont les langues. Le linguiste est obligé d'en connaître le plus grand nombre possible, pour tirer de leur observation et de leur comparaison ce qu'il y a d'universel en elles.

Desta maneira, observam-se e comparam-se as línguas não para delas se tirar uma gramática universal, mas para delas se tirar as leis que regem seu sistema mesmo, como, por exemplo, a mutabilidade e a imutabilidade, a diacronia e a sincronia, a relação, a negação, a oposição e a diferenciação, entre outros. Estas leis regem todos os sistemas linguísticos específicos, por isso, são universais. E só é possível tornar essas leis discretas observando as línguas para delas se tirar o que lhes é substancial¹, não o que lhes é acidental, como leis morfológicas e fonológicas, por exemplo. A língua é deduzida por abstração do fato concreto que são as línguas.

E a arbitrariedade do signo, ao invés de ser um empecilho, seria um contributo para sua constituição.

Assim sendo, segundo Benveniste (1966, p. 52) o conceito de arbitrariedade do signo tem que ser coerente com a obra de Saussure como um todo. Por isso mesmo, ela não deve

¹ É importante destacar que não entendemos substância aqui por aquilo que existe por si mesmo, por não existir a língua *a priori*, sendo, portanto, forma. Substância, então, é entendida pela matéria mesma do signo linguístico, ou seja, aquilo que o faz ser um signo linguístico e não outro tipo de símbolo. Possuindo o signo essa materialidade, é possível postular as leis que o regem.

entrar em contradição com o que o próprio Saussure afirma quando da explicação do valor linguístico:

La langue est encore comparable à une feuille de papier: la pensée est le recto et le son le verso ; on ne peut découper le recto sans découper en même temps le verso ; de même dans la langue, on ne saurait isoler ni le son de la pensée, ni la pensée du son ; on n'y arriverait que par une abstraction dont le résultat serait de faire de la psychologie pure ou de la phonologie pure. (SAUSSURE, 1964, p. 157)

Como não é possível separar significado de significante, tem-se que sua união é necessária: os dois evocam-se juntos necessariamente. Se sua união fosse arbitrária, poder-se-ia conceber a possibilidade de, eventualmente, um evocar-se separadamente do outro.

Deste modo, percebe-se que Saussure já adiantava essa necessidade quando afirma que o signo “*est immotivé, c’est-à-dire arbitraire par rapport au signifié, avec lequel il n’a aucune attache naturelle dans la réalité*” (*op.cit.*, p. 101). Como muito bem nos mostra Benveniste (*ib.*, p. 50), esse dizer de Saussure não trata apenas dos dois elementos significante e significado, como também de um terceiro elemento, a realidade, ou ainda, o objeto no mundo. Nesse sentido, ele nos prova que, a união entre significante e significado tendo que ser necessária pelos motivos supracitados, é a união entre signo e objeto no mundo que é arbitrária. O signo é imotivado porque não tem relação natural nenhuma com a realidade, ou seja, com o objeto no mundo.

Consequentemente, a arbitrariedade, em Saussure, está para as relações de significância, as quais são específicas a um sistema linguístico específico, e não ao significado, que é constitutivo de *todo* sistema linguístico.

Uma das consequências disso é o fato de a língua ter sua ordem própria, ou seja, a arbitrariedade não intervém na constituição própria do signo (cf. BENVENISTE, 1966, p. 53).

Por conseguinte, a LG estudaria o signo enquanto ocorrendo da união *necessária* entre significante e significado, ou ainda, enquanto signo possuindo uma constituição própria, e não o signo enquanto ocorrendo da união *arbitrária* entre signo e objeto no mundo, ou ainda, enquanto signo possuindo uma significância motivada.

Essa união necessária constitui-se como uma necessidade dialética de valores do signo (cf. *op.cit.*, p. 55), a qual compreende as estruturas substanciais da língua enquanto fruto da união necessária entre significante e significado, sendo, portanto, geral. Assim sendo, ao invés de estudar as relações morfossintáticas das línguas e suas implicações, que convergiriam em propriedades acidentais, como, por exemplo, as leis fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas de cada língua, estudar-se-iam as relações de oposição desse aspecto do signo e

suas implicações, que convergiriam em propriedades substanciais. Desta feita, por exemplo, quando Saussure postulou as leis de mutabilidade e imutabilidade, ele postulou leis que funcionam em todas as línguas, ou seja, ele descreveu uma propriedade substancial da língua.

Desta forma, quando Saussure diz que, ao estudar as línguas, poder-se-ia estabelecer leis gerais da língua, esta deve ser entendida como compreendendo o aspecto da necessidade dialética de valores do signo. Assim sendo, percebe-se que o método da LG poderia consistir em comparar *línguas* para entender o funcionamento da *língua*. Consequentemente, isso não implicaria fazer uma gramática geral, já que gramática geral implica postular leis morfosintáticas gerais a todas as línguas, o que implicaria o relativismo linguístico, porque acidentais. No funcionamento das necessidades dialéticas do signo não há sintaxe, apenas relações de oposição e de diferenciação. Entender, então, o funcionamento da língua implica fazer uma linguística geral, *geral* aqui como englobando as leis de oposição que são gerais a todas as línguas, leis essas que são substanciais.

Nesse sentido, ao invés de enquadrar a LG num modelo formal, em que se concebesse o sistema linguístico como um sistema fechado tendo restringido todo o valor do signo em suas relações de oposição com os outros signos do sistema, deve-se enquadrá-la num modelo relacional em que o sistema linguístico é compreendido como tanto possuindo essas relações de oposição quanto uma dupla significância, sendo o valor do signo fruto do funcionamento mútuo entre modos semiótico e semântico da língua (cf. BENVENISTE, 1974, p. 63-64). Segundo Benveniste, o estudo do primeiro (modo semiótico) seria destinado a reconhecer as marcas distintivas do signo e o estudo do segundo (modo semântico) a perceber a significação de um discurso. Pelos exemplos que ele mostra e pela explicação que dá, o estudo do modo semiótico da língua trataria do signo enquanto fruto da união arbitrária entre ele e o objeto do mundo.

Assim mesmo, no modelo formal, as relações de oposição se esgotam em si mesmas, como se se pudesse observar seu funcionamento isoladamente. No modelo relacional, as relações de oposição não se esgotam em si mesmas, uma vez que, como já explicado, só se estuda a língua (como fruto da união necessária entre significado e significante) a partir da abstração que se faz da língua (como fruto da arbitrariedade dos signos) a partir das línguas (como sendo sistemas particulares de significância).

4. Conclusão

Como se pode perceber, defendemos a possibilidade de uma LG enquanto disciplina autônoma, ainda que, como vimos, alguns autores como Aurox (1988, p. 50) afirmem que ela não seja uma disciplina autônoma, restringindo-se a um programa de asserções de ordem metodológica. Defendemos isso porque Saussure postula leis que não tratam somente da maneira de estudar as línguas. Pelo contrário, postula leis universais sobre o funcionamento dessas línguas, sendo que a arbitrariedade não é um empecilho para que se as postule.

Deste modo, afirmar que a teoria saussuriana restringe-se a asserções metodológicas é reduzir o poder de criação de conhecimento dela.

Assim sendo, segundo Normand (2011, p. 15), a teoria de Saussure contém os princípios epistemológicos para a prática linguística. O interessante é notar que ela não concorda com a possibilidade de uma LG, uma vez que afirma que a teoria saussuriana não deveria nos levar a nos “satisfazer com a abstração universalizante de uma semiótica geral” (*ib.*, p. 27). Aqui novamente chamamos a atenção para a urgência de uma definição clara e precisa de qual é o objeto, o objetivo e o método da LG a fim de que ela não se confunda com a Semiótica nem com a Semiologia.

Milner (2002, p. 26), por sua vez, afirma que o axioma “a língua é um sistema de signos” de Saussure é o princípio elementar da Linguística, o que implica que todas as disciplinas linguísticas deveriam fazer suas teorizações em consonância com ele. Entretanto, não sabemos até que ponto isso, para esse autor, poderia levar a considerar a teoria saussuriana como sendo o fundamento para uma LG.

De qualquer forma, assim Saussure fez, postulando as leis gerais que regem o signo, independentemente da língua a que pertence: suas relações de oposição, negação e diferenciação; a mutabilidade e a imutabilidade; a sincronia, a diacronia e a pancronia, entre outros. O estudo geral da língua, então, trataria dessas leis universais que regem *a língua*, as quais seriam deduzidas das leis que regem *as línguas*.

Assim sendo, o que chamamos de teoria saussuriana não é uma teoria a mais no rol de tantas outras, mas o fundamento de todas as que vieram depois dele. Saussure fundou o que hoje chamamos de Linguística. Por isso, em “sua” obra, postulou leis universais. O que chamamos de “Linguística Geral Saussuriana”, na verdade, é a Linguística Geral de todas as Linguísticas, não somente uma teoria linguística a mais.

Desta forma, é importante chamar a atenção para o fato de que tratar Saussure como fundamento da Linguística não implica tratar essa disciplina de forma homogeneizante. Como ele mesmo disse muito bem: “*c’est le point de vue qui crée l’objet*” (1964, p. 23), ou seja, o fato de Saussure ser o fundamento não implica a noção de haver apenas uma Linguística. Cada ponto de vista diferente com relação à língua gera uma disciplina linguística diferente, sendo todas essas disciplinas organizadas e fundamentadas pelo pensamento saussuriano.

Como muito bem diz Benveniste (1966, p. 33), Saussure é “*d’abord et toujours l’homme des fondements*”. Fundamentos estes muito bem postos e argumentados. Resta agora saber por que ainda há autores que defendem a impossibilidade da LG no sentido de ou restringi-la a uma geografia universal, como o fez Meillet, ou a procedimentos metodológicos, como sustenta Auroux.

5. Referências

AUROUX, S. *La notion de linguistique générale*. IN : Histoire Épistémologie Language, tomo 10, fascículo 2, 1988.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Saint-Amand: Gallimard, 2002. [1966]

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Saint-Amand: Gallimard, 2002. [1974]

GODEL, R. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. De Saussure*. Genève, Librairie Droz: 1969.

MILNER, J. *Le périple structural*. Paris : Verdier, 2002.

NORMAND, C. Saussure – uma epistemologia da linguística. IN: SILVEIRA, E. *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot: 1964.